
DOSSIÊ DE TRADUÇÃO/
TRANSLATION DOSSIER

SIMPSONS: TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E CULTURA

Apresentação

A série *Os Simpsons* é hoje um sucesso de audiência, tendo sido inspirada em uma tira de quadrinhos *Life in Hell*, lançada em 1977 e publicada até a atualidade. Esta propõe sátiras à sociedade, principalmente de Los Angeles, tendo surgido como vinheta para o *The Tracey Ullman Show* (1987-1990). A Fox (*Fox Broadcasting Company*), um canal de televisão a cabo recém-criado, procurava novidades para inserir nos seus programas e quando o produtor James L. Brooks leu as tiras em quadrinhos *Life in Hell*, escritas e desenhadas por Matt Groening, imaginou que uma animação com aquele tipo de material poderia dar certo.

Com o sucesso dos curtas animados, que iam ao ar nos intervalos entre os blocos do programa de Tracey Ullman, a Fox convidou Matt Groening a ter seu próprio programa de televisão de meia hora, em horário nobre. Desde então, a família Simpson não cessou de ir ao ar. E, ainda hoje, a série continua fazendo sucesso também no cinema, com o lançamento, em 2007, de seu primeiro filme.

Ao invés de utilizar seus já conhecidos personagens, Matt Groening criou uma família nuclear: um casal com três filhos, um menino, uma menina e um bebê. Os nomes dos personagens homenageiam membros da família de Groening: os pais, Homer e Margaret (Marge), as irmãs mais novas Lisa e Margaret (Maggie). O criador do seriado decidiu não dar seu nome ao personagem principal, conferindo-lhe o nome de Bart, acrônimo de *brat* (crian-

ça levada e mal educada). O sobrenome Simpson deriva do seu significado etimológico: *son of a simpleton* (filho de um simplório abobalhado). Muitos dos personagens secundários do seriado receberam nomes de ruas de Portland, no estado de Oregon, cidade natal de Groening, a exemplo de Flanders, Lovejoy, entre outros.

O *locus* da animação é a fictícia Springfield, nome comum a diferentes cidades localizadas em mais de trinta estados dos Estados Unidos. À Springfield ficcionalizada, Groening agrega características geográficas as mais diversas: litoral, deserto, campos cultivados, montanhas. A depender da natureza do episódio, uma irá se destacar, possibilitando, no conjunto, a reconstrução espacial de todo um país. A Springfield da família Simpson torna-se, assim, uma espécie de *revival* da crítica feita por Sinclair Lewis, no seu romance *Main Street* (1920), abalando o mito de um país aberto e progressista, atacando a mentalidade provinciana norte-americana, a partir do próprio nome.

Em *Os Simpsons*, quase todos os episódios se abrem com um *zoom* da câmera entrando *em* Springfield. O espectador, então, acompanha a família Simpson, tipicamente provinciana, a caminho de casa, onde entra e se senta, mecânica e imediatamente, no sofá para ver televisão, numa clara alusão crítica à cultura da classe média e da mídia, que domina o tempo de lazer e forja a identidade do sujeito contemporâneo.

Os Simpsons, primeira experiência do cartunista Groening no mundo da animação, desempenhou importante papel na transformação do espaço ocupado por esse tipo de linguagem cinematográfica na televisão norte-americana que, até então, percebia a animação como mero veículo de entretenimento infantil para preencher espaços vazios na programação. Constitui o chamado *American animated sitcom*, ou comédia norte-americana animada de situações, equivalente à conhecida comédia de costumes que, pelos seus tipos e situações cômicas e irônicas, constrói uma sátira social sutil.

Foi este consagrado programa, que serviu de inspiração ao nosso dossiê *Simpsons: tradução intersemiótica e cultura*, o qual pre-

tende discutir questões intertextuais em que tradução, literatura, quadrinhos, animação, cinema, música e artes plásticas se articulam em favor de críticas sociais instigantes. O interesse pelo estudo da série foi, sobretudo, motivado pela leitura da dissertação de Mestrado em Artes Visuais de Chantal Herskovic, “Chegando em Springfield: um estudo crítico sobre *Os Simpsons*”, defendida em 2005, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi feita, na referida dissertação, uma pesquisa sobre as publicações relacionadas com *Os Simpsons* e um levantamento de todos os episódios levados ao ar até então, incluindo um estudo do seu modo de produção, voltado, sobretudo, para a estrutura dos episódios e dos seus roteiros. A pesquisa privilegiou a questão da intertextualidade presente na série, assim como a sátira que se percebe nos episódios de *Os Simpsons*.

A série é um produto cultural de massa, mas que contém relações intertextuais, metalinguísticas e intermediáticas destinadas a serem compreendidas especialmente por um público sofisticado, portanto, não apenas apreciado pelo público infantil. Nas entrelinhas das histórias, é possível encontrar subtextos cheios de críticas e com uma ironia sutil que somente o público adulto consegue captar. Ou seja, as cenas dos episódios, de um modo geral, rendem dupla leitura: uma aparentemente ingênua e outra que é mais ácida, mais irônica e crítica, que exige um conhecimento prévio da cultura, da história, da economia e de relações interpessoais que são de domínio dos adultos.

Por essa abordagem sutil e inteligente, o espectador acaba se investindo do papel de crítico, capaz de perceber o jogo de textos nos episódios da série. A proposta é, portanto, trazer a cultura de massa para o âmbito dos estudos acadêmicos, neste dossiê, que contém sete artigos. Eles contemplam obras literárias através da animação, propondo questões culturais instigantes, que merecem ser discutidas, especialmente sob a luz da tradução intersemiótica.

A ciência que tem como objeto a ‘semiose’ ou a ação dos signos verbais e não verbais chama-se ‘Semiótica’, termo usado para se

referir ao estudo da capacidade de se compreender e produzir signos de todos os tipos. O semioticista mais relevante, o americano Charles Sanders Peirce (1839-1914), cunhou também o termo ‘interpretante’ para se referir ao efeito que um signo pode ter sobre uma mente interpretadora, entendendo que quando tal signo se direciona a alguém, busca “criar na mente desse alguém um outro signo equivalente ou talvez mais desenvolvido” (PEIRCE, 1955, p. 99).

Essa definição de ‘interpretante’ ou efeito causado sobre a mente não se refere ao novo signo como melhor ou pior que o anterior. Trata-se simplesmente de um desdobramento do signo que lhe deu origem, sendo a equivalência signica uma busca em si mesma. Não se trata de algo plenamente preenchido, pois, considerando que o ser humano é falível, a ação do signo não passa de um *continuum*. Logo, o processo de ‘semiose’ está sempre em progresso, nunca se realizando por completo. O fato é que o signo estético, nas traduções intersemióticas, continua a ser desconstruído e ainda hoje, o seu efeito se repete. Há um jogo de estabilidade e *différences*, utilizando as palavras de Derrida, que precisam ser levadas em conta porque cada signo:

Assume o seu sentido não somente a partir de uma relação diferencial com outros elementos do sistema linguístico, mas também da história da própria repetição [...]. Cada uma dessas repetições é ‘diferente’ de todas as outras, já que acontece em um novo contexto, gerando outros efeitos que ocorrem em outra rede de relações sistêmicas. A mesma repetição que traz estabilidade também gera uma história de diferenças, considerando que o signo ‘original’ {no sentido de primeiro} [...] já é polissêmico (KATHLEEN, 2001, p. 32-33).

É importante desconstruir um signo para ter consciência do que pode estar implicado nas infinitas possibilidades de releitura desse signo. Conforme explica Derrida em “Carta a um Amigo Japo-

nês”, a palavra desconstruir, apesar do seu prefixo negativo, tem uma conotação positiva porque é necessário “desmontar as partes de um todo [...] para decompor suas estruturas” a fim de conhecê-las melhor e saber como tornar a reorganizá-las (*apud* KATHLEEN, 2001, p. 56-57).

Em *Os Simpsons*, o que se observam são recriações em que nós que integram uma rede de sistemas culturais distintos se interligam como vasos comunicantes, em que uma camada de significação está sempre influenciando as demais. A partir dos estudos liderados pelo israelense Even-Zohar (1999), foi desenvolvido o modelo dos polisistemas, pautado na concepção de um conglomerado heterogêneo e hierarquizado de subsistemas, que interagem entre si, constituindo uma rede sónica. A noção essencial da teoria dos polisistemas é, pois, de que os vários extratos que os compõem estão sempre competindo uns com os outros para alcançar a posição dominante. E o que, de fato existe, é uma tensão entre camadas diversas, em que o social, o político, o econômico, o religioso, dentre outros, competem entre si para atingir uma posição de poder dentro do sistema cultural em que a tradução ocorre. E é nesse pano de fundo que as traduções acontecem, implicando sempre em um grau de releitura do texto fonte, ao serem reescritas as imagens desse texto sob um novo olhar e buscando-se contextualizá-las na nova cultura de recepção (EVEN-ZOHAR *apud* HERMANS, 1999).

Essa rede semiótica, por sua vez, gera toda uma cadeia de hipertextos, considerados aqui, conforme definição elaborada por Genette (2003) como “[...] uma série de obras [...] ligadas entre si por laços de parentesco ou de filiação e ligadas a um modelo comum chamado hipo-texto, do qual todas elas derivam” (GRÉSILLON, 2007, p. 260).

Assim, hipo-textos presentes e detectáveis na textura criativa de hipertextos no programa paródico *Os Simpsons* podem ser considerados como os elementos geradores de uma “[...] rede múltipla, ágil e maleável de certo número de textos” (GRÉSILLON, 2007, p. 260).

Linda Hutcheon (1986) vê a paródia como um dos modos de construção textual mais privilegiado do século atual, capaz de desempenhar uma função hermenêutica relevante, com implicações culturais e ideológicas. Ao mesmo tempo em que pode ser tida como uma espécie de transgressão em relação ao seu referente, também é capaz de homenagear a obra a qual alude e, consequentemente, o seu criador. Como o seriado *Os Simpsons* propõe diálogos com obras, frequentemente consideradas canônicas, é uma questão que pode ser discutida nos artigos deste dossiê intitulado *Simpsons: tradução intersemiótica e cultura*.

O primeiro artigo, “*Os Simpsons* no dia das bruxas”, de Chantal Herskovic, apresenta histórias clássicas de terror parodiadas pelos *Simpsons*, especialmente “A mão do Macaco” de W. W. Jacobs; o segundo, “Uma Análise Semiótica da Recriação de ‘O Corvo’ em *Os Simpsons*”, de Sílvia Maria Guerra Anastácio e Célia Nunes Silva, trata, de maneira engraçada e cômica, o poema “O corvo” de Edgar Allan Poe; o terceiro, “Uvas e crepes: a paródia a partir da arquitextualidade”, de Elizabeth Ramos, é uma releitura do livro *As vinhas da ira* de John Steinbeck; o quarto, “*Os Simpsons* em *Hamlet*: um petisco de Shakespeare”, de Robert Salem, é uma releitura de “*Hamlet*”, de William Shakespeare; o quinto artigo, “O efeito *pigmaleão*: Bernard Shaw e as releituras de *Os Simpsons*”, de Sílvia Maria Guerra Anastácio e Célia Nunes Silva, aborda a peça “*Pigmaleão*” de Bernard Shaw e o musical “*My fair lady*”, o qual foi inspirado no texto dramático; o sexto, “*Tall tales: Os Simpsons* desconstruindo o mito americano”, de Sergio Romanelli e Hanna Betina Götz, homenageia mitos americanos que Mark Twain tornou conhecidos, como “*Tom Sawyer*” e “*Huck Finn*”; e o sétimo artigo, “*Simpsons* – episódio *Bart of Darkness*: Uma janela indiscreta para o coração das trevas”, de Brunilda T. Reichmann e Julián Bargueño, faz uma recriação de “O coração das trevas” de Joseph Conrad.

Portanto, através de uma série de televisão da contemporaneidade como *Os Simpsons*, pretende-se socializar textos literários

em língua inglesa, e, ainda, discutir questões culturais. O material pode ser útil em cursos de Letras, em aulas de língua estrangeira, de tradução, literatura e cultura, sendo provavelmente bem recebido por aqueles que apreciam cultura de massa.

Célia Nunes Silva
Universidade Federal da Bahia

Sílvia Maria Guerra Anastácio
Universidade Federal da Bahia

Sergio Romanelli
Universidade Federal de Santa Catarina

